



**“MORENO REI DOS ASTROS A BRILHAR, QUERIDA UNIÃO FAMILIAR”:
TRAJETÓRIA E MEMÓRIAS DE UM CLUBE SOCIAL NEGRO
FUNDADO EM SANTA MARIA /RS**

Franciele Rocha de Oliveira¹

Resumo: No final do século XIX, oito anos após a abolição da escravatura no Brasil, é fundada em Santa Maria/RS, a Sociedade União Familiar. Dos registros encontrados, é o mais antigo clube social negro da cidade. A historiografia sobre Santa Maria, ao estabelecer uma narrativa sobre a cidade no final do século XIX e início do século XX, ressalta a criação de várias organizações associativas, porém, sempre evidenciando aquelas que se compõem majoritariamente por indivíduos brancos, fundadas, na maior parte, pelos homens “chefes dessas famílias” e com certa estabilidade financeira, algo que lhes confere status social. Pouco se fala dos clubes negros. Na verdade, pouco se fala da presença negra em Santa Maria. Suas associações podem raramente ser encontradas em algumas obras e ainda assim sob a forma de citação: existiu, ponto final. De modo geral, este trabalho visa contribuir com a história da população negra em Santa Maria, para além dos pontos finais, apontar trajetórias dessa população que aqui trabalhou, fundou Clubes Sociais, Blocos Carnavalescos, Jornais e Escolas de Samba e também teve como moradia vilas operárias, tendo como pilar a fundação do Clube União Familiar em tempos de pós-abolição e a suspeita da existência de uma rede que o cerca.

Da invisibilidade negra em Santa Maria

É no ano de 2010, que de forma muito simplória inicia esta pesquisa, quando em contato com o Museu Comunitário Treze de Maio, antiga sociedade negra Treze de Maio², a autora deste trabalho passa a conhecer um pouco da história deste clube e juntamente com ela, um pouco das trajetórias da comunidade negra de Santa Maria/RS e região. Arelado ao aprendizado proporcionado pela experiência no Museu estava à constatação da invisibilidade,

¹ Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, graduanda em História, Franciele.r.oliveira@gmail.com.

² O contato com o Museu deu-se no primeiro semestre de 2010, por meio das disciplinas de História e Museu, Prática do Historiador em Museu e Educação Patrimonial, ministradas pelo Professor Dr. André Luis Ramos Soares, no curso de História da Universidade Federal de Santa Maria e teve a orientação de Giane Vargas Escobar, na época Diretora Técnica do Museu Treze de Maio. Posterior às disciplinas, a vivência no Museu Treze de Maio seguiu por meio do trabalho voluntário até os dias atuais. Para saber mais acerca da constituição do Museu e histórico da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio – SCFTM – ver em: ESCOBAR, Giane Vargas. Clubes Sociais Negros: Lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial. Santa Maria: UFSM, 2010.



uma vez que no próprio Bairro do Museu, escolas próximas e livros locais, muito pouco se falava sobre a comunidade negra, sua história e seus percursos, diferente da abordagem percebida com relação a outros grupos étnicos na cidade e região.

O Museu Treze de Maio tornava acessível uma forma diferente de compreender a história, incluindo nela o protagonismo de negros e negras pensado por meio de seus próprios patrimônios. É no “Treze”, como é popularmente conhecido, que se tomou contato com a história da antiga Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio e não diferente foi com a história da antiga Irmandade Negra do Rosário³. Também é dentro do Museu, que se ouviu, inúmeras vezes, falar do Clube União Familiar. O Treze cumpria assim um papel fundamental de evocar a memória coletiva negra municipal, especialmente por meio de iniciativas tais como as Rodas de Lembranças.⁴

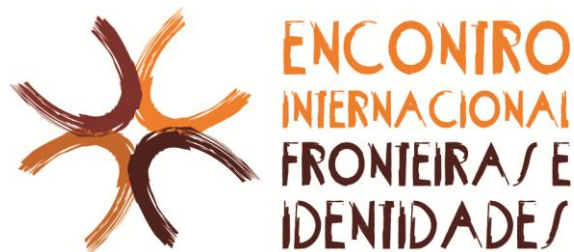
Deve-se considerar, também, o fato de que o Clube União Familiar não existe mais enquanto sociedade, ainda que sua estrutura física esteja em pé na Rua Barão do Triunfo. O espaço não é mantido mais para os interesses que fora criado, fazendo com que muitos de seus ex-frequentes vão ao Museu Treze de Maio também compartilhar suas histórias, e esse, como espaço dinâmico, recebe muitos familiares da geração mais nova, que tiveram ou têm, nas gerações mais antigas de suas famílias, membros do Familiar⁵ e que evocam em vários momentos, em especial, nas Rodas de Lembrança, as práticas desse clube, bem como as suas diferenças ou particularidades, sendo conhecido por alguns como o “clube dos negros pobres”.

Importante destacar que a invisibilidade verificada na cidade não é característica apenas da historiografia produzida localmente. Muito pelo contrário, a população negra foi negligenciada em muitas outras obras, de acordo com uma tradição que se estende a todo o Estado do Rio Grande do Sul, é o que mostra trabalhos aprofundados de revisão/mapeamento bibliográfico e sobre a existência negra no Estado, tais como o “Guia Bibliográfico da Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional” (2007), elaborado por Regina Xavier, que vai à contramão desta invisibilidade, denunciando que durante muito tempo, a historiografia do Sul

³ Ver em: GRIGIO, Ênio. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em Santa Maria (1873-1915): uma trajetória de conflitos. Santa Maria: UFSM, 2003.

⁴ As Rodas de Lembrança são encontros promovidos pelo Museu Treze de Maio, em que antigos sócios do Clube são convidados para uma conversa a fim de rememorem as ações ali desenvolvidas no tempo do Clube.

⁵ O Clube União Familiar, em vários momentos, é recordado popularmente também como “Familiar” ou “União”.



pouco explorou a presença da população negra, bem como suas trajetórias, contribuições, formas de resistência, entre outras tantas questões referentes à história do povo negro em território brasileiro.

Portanto, é justamente a relação estabelecida no Museu Treze de Maio, ao ouvir os relatos e significados atribuídos pela população acerca daquele outro espaço negro, unido à constatação da invisibilidade historiográfica, que fazem com que essa pesquisa surja, sob o interesse amplo de evidenciar a presença e a atuação negra em Santa Maria, apontando suas trajetórias no pós-abolição, envolvendo a fundação de clubes, como o clube União Familiar, que possibilitou ainda a constituição de outras redes sociais a partir dele.

Nasce o Moreno Rei: Significados em torno da fundação do Clube União Familiar

“Acaba de ser fundada nesta cidade, sob a denominação de União Familiar, uma sociedade de baile, composta de homens de cor”. Foi com essas poucas palavras que o jornal “O Combatente” noticiava, em 15 de março de 1896, a fundação do Clube União Familiar.

De acordo com os documentos oficiais do clube, como carteirinhas de associados e convites, o registro da fundação é do dia 10 de maio do mesmo ano, fazendo-nos pensar a origem do União Familiar sob a possibilidade de que em um primeiro momento existira na informalidade, isto é, com reuniões para o lazer de uma parte da comunidade negra e num segundo momento existindo sob aspectos formais, com registro de fundação, organização burocrática/administrativa e sede social.⁶ Esta seria, portanto, uma forma de explicar os conflitos encontrados nessa pesquisa com relação às datações do clube manifestadas em alguns jornais. De todo modo, optou-se por resgatar a leitura da população participante sobre os seus espaços de lazer, por isso utiliza-se a cronologia definida pelas fontes do clube neste trabalho.

Com sede à Rua Barão do Triunfo, nº 855, o clube pertencia à periferia da cidade na época de sua criação, como pode ser notado na Planta Municipal de 1902, elaborada pelo

⁶ Situação parecida é constatada por Giane Vargas Escobar (2010) ao tratar da fundação do Clube Treze de Maio de Santa Maria. Por meio da análise da ata nº1 do clube, a autora destaca que os primeiros movimentos do clube eram reuniões na casa de um dos cidadãos, o senhor Sisnande Antonio de Oliveira e assim o foi até 1911. (ESCOBAR, 2010, p.100).



agrimensor José Nehrer, na qual fica evidente a posição afastada do clube, nas imediações das ruas 24 de Mayo (atual Silva Jardim), Venâncio Aires e Visconde de Pelotas. Por volta de 1910 a sociedade vai pertencer a um loteamento composto por cerca de 50 chalés de madeira, a Vila Operária Brasil.

A existência do clube nessa localidade da cidade evoca-nos uma série de inquietações, entre elas, Porque ali? Quem ali vivia? Porque um clube? Para que o clube e, principalmente, para quem? Tais perguntas serão o cerne deste artigo, no qual se pretende expor possibilidades de respostas, baseadas na análise interpretativa de acervos iconográficos e documentais particulares, bem como relatos orais em entrevistas realizadas com antigos sócios do clube e moradores da Vila Brasil, além de documentos oficiais do clube encontrados no Cartório de Registros Especiais de Santa Maria e a pesquisa em jornais do Arquivo Histórico Municipal da Cidade de Santa Maria (AHMSM), da Casa de Memória Edmundo Cardoso e do acervo online da Hemeroteca Digital Brasileira.

Realidade de exclusão e desejo de participação: As Sociedades Negras

A compreensão dos contextos de formação dos clubes sociais negros é fundamental para a discussão sobre os significados acerca das fundações desses espaços organizativos no Brasil, especialmente no que tange as relações sociais estabelecidas entre negros e brancos. É o que se procurou fazer, de maneira geral, no primeiro capítulo do Trabalho de Conclusão de Graduação, do qual se origina este artigo, ao focar no pós-abolição para entender a formação do Clube União Familiar. Por outro lado, é de igual importância o esforço para compreender os projetos de vida e os interesses dos grupos fundadores deste clube, reconhecendo-os como parte de uma sociedade pós-escravista, que passava a cultivar novos hábitos sociais da chamada nova ética burguesa em várias cidades do país notáveis nas obras públicas e privadas, nos espaços de educação e lazer e no âmbito familiar.

Nesse sentido, algumas questões são evocadas, entre elas, como era a vida das comunidades negras da cidade no período? Quais espaços tinham para manifestações culturais e de lazer? Poderiam participar desse projeto social burguês que vinha sendo implantado com o fim do século XIX? Devido à escassez de fontes primárias do clube em seu período inicial,



como a ata nº1, a base de compreensão para as questões colocadas será bibliográfica, visando aproximações ou distanciamentos da realidade encontrada para o Clube União Familiar com relação a outros clubes.

Parece consenso entre muitos pesquisadores do assunto, que o cerne da fundação de muitos clubes sociais negros está na exclusão e ao mesmo tempo, no desejo de participação. A exclusão é percebida na restrição de inúmeros direitos quando se reporta ao histórico escravista e pós-escravista e desejo de participação no sentido de que ainda proibidos ou impedidos, queriam organizar seus espaços de sociabilidade e lazer e encontro entre os seus, como os brancos tinham.

ESCOBAR (2010) aponta aspectos importantes para o surgimento dos clubes sociais negros, além da busca pela melhoria nas condições de vida e desejo de participação, há toda uma ligação com a liberdade. Para ela, muitos clubes foram criados como símbolo de liberdade ou pelo desejo de cultuá-la, é o caso dos clubes criados no pós-abolição, momento também de ampliação desse tipo de organização negra. Não é a toa que boa parte deles em seus nomes farão referência à liberdade, como no caso do clube Treze de Maio de Santa Maria.

Fernanda Oliveira da Silva (2011) vai centrar sua pesquisa na compreensão da constituição de uma identidade negra positiva por meio dos clubes sociais negros de Pelotas. Na obra, a autora, baseada também nos estudos de GILL; LONER (2007); LONER (1999; 2001; 2007), consegue estabelecer uma espécie de contextualização das formas organizativas negras de acordo com o passar do tempo, isto é, atribui reflexões a esses espaços num período inicial, ainda em tempos de escravidão e no pós-abolição, quando se tem uma difusão das formas associativas.

A proclamação da República no Brasil, em 1889, despertou no meio negro a possibilidade de um sistema igualitário. Mas a derrocada do sistema monárquico seguida pela adoção de medidas eugenistas com base no darwinismo social pela República fez com que estes homens resolvessem lutar através da conscientização de seus irmãos de cor... E foi nesse contexto de medidas discriminatórias, por parte dos governos e de luta e reivindicação, por parte dos negros, que surgiu uma série de associações negras voltadas à defesa dos direitos dos negros, de caráter os mais variados possíveis. (SILVA, 2011, p.84).



De acordo com GILL; LONER (2009), nos anos finais do império, negros tenderam a juntarem-se em entidades mutualistas, profissionais ou étnicas em Pelotas, ainda não buscando a construção de uma “identidade racial”, mas “auxiliar na inclusão social e amparo de seus sócios”. (GILL; LONER, 2009, p. 146).

A República vai alterar de certo modo as organizações negras. Segundo GILL; LONER (2009), as sociedades negras e toda a sua completa rede associativa (clubes sociais, teatrais, carnavalescos, futebolísticos, mutualistas...) são formas de reação à exclusão que sofriam, especialmente quando se tem consolidada uma ideologia conservadora e elitista, como no caso de Pelotas, em que “em algumas de suas praças, negros não podiam sentar, assim como não tinham ingresso em cafés, cinemas, teatros e outros estabelecimentos públicos”. (GILL; LONER, 2009, p. 147).

O clube União Familiar de Santa Maria está inserido dentro da mesma lógica apresentada pelos clubes sociais negros pelotenses do período pós-abolição. Se o mesmo teria relações com a Irmandade Nossa Senhora do Rosário, que na cidade foi criada em 1873, dissolvida em 1875 e recriada pela comunidade negra em 1889, como Sociedade Beneficente Religiosa Irmandade do Rosário⁷, não é possível saber no momento, isto pela escassez de fontes iniciais do clube, como a ata nº1, mas era fato que o clube tinha forte relação com o trabalho e a busca pela dignidade ou inserção social, expressos por meio de seu público frequentador, trabalhadores e moradores da Vila Operária Brasil, das regras comportamentais e das suas práticas, da recreação e promoção da cultura ao caráter beneficente constatado nos estatutos posteriores.

Uma das primeiras referências encontradas com relação à Vila Brasil vem do Álbum de Santa Maria, editado em 1914 e publicada no livro “Santa Maria: Relatos e Impressões de Viagem”, que traz uma imagem da vila operária e a seguinte descrição:

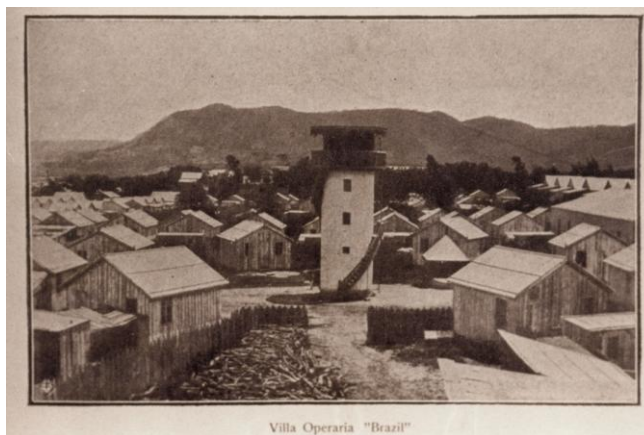
A foto mostra a Vila Operária Brasil, loteamento localizado no quarteirão delimitado pelas ruas Venâncio Aires, Andradas, Barão do Triunfo e Visconde de Pelotas. O projeto original – que, na época, poderia ser taxado de faraônico- previa a construção de 180 moradias, ruas calçadas e arborizadas, um mercado, uma praça e um grande reservatório de água. Do total de moradias projetadas, foram construídos 50 chalés de madeira e parte

⁷ Essas informações encontram-se em GRIGIO (2003) e também no documentário intitulado “Quatro mistérios do Rosário” elaborado pela TV Ovo de Santa Maria no ano de 2012 com direção e roteiro de Marcos Borba.



ENCONTRO
INTERNACIONAL
FRONTEIRAS E
IDENTIDADES

deles, mais tarde, integrou o Beco do Sabão, hoje desaparecido. (MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997, p.161).



Vila Operária Brasil. Extraída do Álbum de Santa Maria editado em 1914.

Fonte: MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997.

Uma vez conhecida tal referência, outras perguntas foram ganhando espaço na pesquisa, entre elas, quem morava ali? Nesse sentido, estudar a Vila Brasil passava a ser um eixo importante à pesquisa do Clube União Familiar, uma vez sendo impossível deixá-la de lado por saber que o clube estava situado exatamente onde a Vila fora construída.

Também no mesmo livro, uma foto panorâmica da cidade, usada pelos autores para ilustrar os relatos de Simões Lopes Neto, traz em sua legenda outras informações acerca da Vila, especialmente a de que era idealizada por Perfecto Leirós, composta por casas populares, reduto de cozinheiras e doceiras e cuja maior tradição era o carnaval, representado pela figura do bloco carnavalesco Rancho-Suco. Eis, portanto, um forte indício da relação Clube-Vila operária. Estavam diretamente relacionados, o primeiro fazia parte do segundo e o segundo passa a ser reconhecido pelas ações do primeiro.

A noção de que o clube fazia parte da vila operária será defendida por muitos antigos sócios e ainda moradores da localidade, especialmente imbuídos da ideia de que a própria sede do União era uma das casas de madeira da vila, um dos famosos chalés.

Nelly da Silva, 87 anos, moradora da Rua Visconde de Pelotas com a travessa Mendes Nunes (antigo Beco do Sabão), conta que com a morte do pai, por volta de 1928, Antônio da Silva, sua mãe, Marcelina Gonçalves da Silva, ela e o irmão vieram morar na Vila.



... A minha mãe já estava viúva e veio... E aí eu... A mãe comprou aqui, era um chalé... Tinha umas economiazinha e nós viemo pra cá e eu moro até hoje aqui. Olha... A mãe... A gente passou [trabalho] por que a mãe ficou viúva, meu pai era militar, só vinha a tal pensão e depois ela era pouco, que ela trabalhava pra fora pra... Pra nos cria ela deu comida pra fora, aí não pagavam, aí ela parou. Parou e... E... Lavava, depois lavava pra fora... Lavava pro exército, só que era roupa de... De cama do quartel. Lençol e fronha. Então a mãe nos criou trabalhando, por que a pensão era pouquinha. (NELLY DA SILVA em entrevista concedida a autora desse trabalho em 17/10/2013).

A Vila também recebe destaque na obra de João Rodolpho Flôres (2007). Além de referenciar a sua criação, o autor, em “Fragmentos da História Ferroviária Brasileira” é um dos primeiros a levantar a relação entre o Clube e a Vila, sendo caracterizados como espaços de predominância negra e trabalhista da cidade, espaços de articulação cultural e moradia.

Esse loteamento foi idealizado pelo espanhol Perfecto Leirós, e abrigava famílias operárias do setor industrial e trabalhadores ferroviários. Caracterizava-se como local típico de convivência comunitária, sendo muito conhecido pelo trabalho de suas cozinheiras e doceiras, e também pela alegria de seus moradores que participavam do bloco carnavalesco “Rancho-Suco”. (FLÔRES, 2007, p.186).

Marcos Aurélio Marques, 72 anos, morador da travessa Hermes Cortes, também antiga Vila Brasil, ajuda, por meio de suas recordações de infância, entender o formato da Vila, bem como caracterizar os seus moradores, em que apesar de serem etnicamente diversos, os negros sobressaíam: “Tinha de tudo. Tinha negro, tinha branco, era tudo misturado, mas a raça sempre predominou. Sempre predominou”. (MARCOS MARQUES em entrevista concedida a autora desse trabalho em 09/01/2014).

Nelly e Marcos tiveram sua história de vida atrelada não só à Vila Brasil. Ambos eram também frequentadores do União Familiar. A primeira, de maneira mais restrita, tendo participação em algumas festas chegando a ser convidada para oradora em uma solenidade e o segundo, de maneira mais atuante foi associado do clube desde criança por seus pais, Cecília Martins Marques, doméstica e Francisco de Assis Marques, músico do exército, que eram dirigentes do bloco carnavalesco Rancho O Succo. Ambos entrevistados colaboram na compreensão da relação entre o clube e a Vila, especialmente no que tange a dinâmica de vida dos moradores.



ENCONTRO INTERNACIONAL FRONTEIRAS E IDENTIDADES

... Eu sou de 43, né. A minha mãe já era envolvida com o Familiar. Ela começou envolvida com o Rancho Succo. A minha avó... Aquela turma mais antiga... Depois ela veio e... Se envolveu nisso aí. Sempre envolvida na diretoria, na organização, nos baile, aquela coisa toda... Então, eu me criei indo ali. Mesmo quando não tinha uma festividade a gente ia lá pra... Pra limpa, pra arrumar, consertar, limpar salão. (MARCOS MARQUES em entrevista concedida a autora desse trabalho em 09/01/2014).

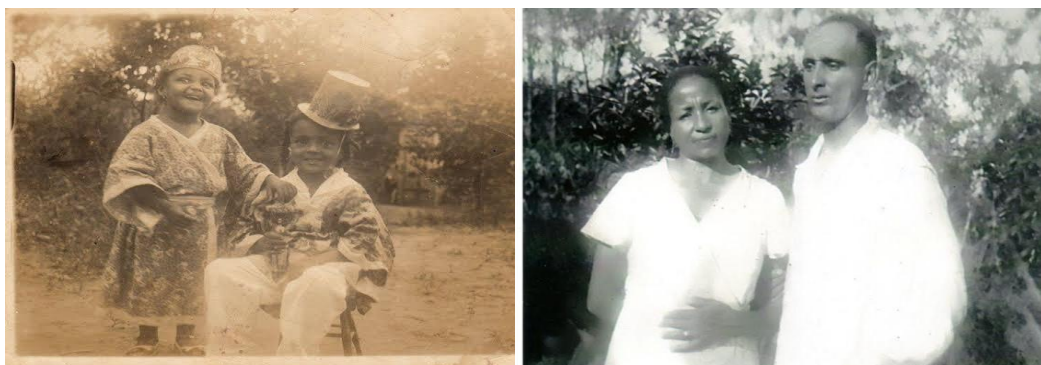


Foto 1: Irmãos de Marcos Marques, vestidos para o carnaval no Clube União. Foto 2: Pais de Marcos Marques na Vila Brasil. Fonte: Acervo particular de Marcos Aurélio Marques.

Maria Rita Py Dutra, 65 anos, filha do mensageiro Albertino Py com a lavadeira Lucília de Lima Py, diferente dos dois primeiros entrevistados, não morou na Vila, mas foi sócia do União Familiar, o que a permitiu guardar lembranças a ponto de realizar uma descrição mais detalhada sobre a infraestrutura do clube, levando-nos a mais indícios de que a estrutura que abrigava a sociedade era uma das casas da Vila:

... O União Familiar era muito simples. Era um lugar pobre, mas ele era muito aconchegante, era muito limpinho. E a gente sempre lidou com uma coisa de autoestima assim... Era muito simples... As cadeiras eram de palha, as... As toalhinhas eram de xadrez, agora ainda usam né, toalha xadrezinha. Eu me lembro assim: O clube de madeira, uma área na frente, não sei como a gente chama... É por que ali, ali naquela região, tinham várias... Várias casa nesse estilo... Era um chalé grande e tu entrava assim, tinha área... Não sei como que a gente chama né... Tu entrava, tinha uma área, um espaço, daí depois entrava na porta... (MARIA RITA PY DUTRA em entrevista concedida a autora desse trabalho em 27/01/2014).

De acordo com as entrevistas realizadas, percebe-se, de modo geral, a forte presença de trabalhadores no clube, dos mais diversos segmentos, confirmada depois por meio de



documentos como o processo crime n° 136 de 1926, encontrado no APERS⁸ e os estatutos de 1958 e 1963 do Clube União Familiar, encontrados no Cartório de Registros Especiais de Santa Maria⁹, além da análise referente aos moradores da Vila Brasil e participantes do Clube, que mostram uma permanência do perfil trabalhador ao longo dos anos no quadro de seus frequentadores: alfaiates, padeiros, pedreiros, soldados, militares, músicos, domésticas, doceiras, lavadeiras, pintores, ferroviários...

É o caso de Nelly Silva, que era filha de um militar com uma doméstica e lavadeira; Eloá Oliveira Bueno, 86 anos, filha de Gonçalo Bueno, trabalhador da estação de trens com Fausta Oliveira Bueno, que era doméstica; Marcos Aurélio Marques, mencionado anteriormente; Maria Rita Py Dutra, 65 anos, filha de Albertino Py, mensageiro na Estação de trens, com Lucília de Lima Py, lavadeira e Alcione Flores do Amaral, 61 anos, filha de Agenor Alves do Amaral, militar com Zilda Flores do Amaral, bordadeira. Todos pertencentes a famílias frequentadoras do Clube União, compondo no momento o rol dos entrevistados para essa pesquisa.

Eu sou filha de Albertino Py e Lucília de Lima Py. O meu pai, ele era mensageiro na viação férrea, na gare da estação. Que... Que era mensageiro? Mensageiro... Antigamente a estação era muito movimentada, havia muitos passageiros chegando dos trens, era uma loucura, fervilhava de gente a estação... Então quando a pessoa chegava aqui na gare com as bagagens, meu pai ajuda a carregar aquelas malas. Isso que era um mensageiro. Era um carregador de malas... A minha mãe era lavadeira. A mãe lavava roupas pra famílias nobres da cidade... (MARIA RITA PY DUTRA em entrevista concedida a autora desse trabalho em 21/01/2014).

ESCOBAR (2010) vai aprofundar acerca das profissões realizadas pela comunidade negra que fundou clubes sociais no Brasil, citando o operariado como no caso dos negros da Companhia Siderúrgica Nacional - CSN, os marinheiros, portuários, professores, foguistas, carvoeiros, jornalistas, alfaiates, policiais militares e ferroviários, entre outros. No caso do familiar essa diversidade de trabalhadores estará também expressa no seu quadro de participantes, de sócios a diretores. Para ESCOBAR (2010) a presença dos mesmos leva a crer que a remuneração vai ser um fator importante na determinação da participação de negros

⁸ O processo crime n° 136 de 1926 tem como réu Pedro Antonio Silva, alfaiate, autor do assassinato de Tertuliano Silva, pedreiro, na madrugada de 09 de maio de 1926 em frente à Sociedade União Familiar, na Vila Brasil. O documento foi encontrado no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul – APERS.

⁹ Os estatutos estão guardados no Cartório de Registros Especiais da cidade de Santa Maria, localizado na Rua Venâncio Aires, n° 2199.



em clubes. Isto porque, segundo a autora, o trabalho, em alguns casos, vai colaborar para “inserção social e reconhecimento profissional” dos negros. (ESCOBAR, 2010, p.75).

Entendo que o clube União Familiar, esteja nessa esteira das organizações determinadas pelo pós-abolição, alinhando negros e negras à luta pelo reconhecimento em sociedade, pelo acesso a direitos muitas vezes negligenciados, sendo o lazer um deles, que incorporam o festejar, o dançar, o beber, o socializar, podendo garantir melhorias para a vida de seus frequentadores. Simbolizando, também o poder de organização, bem como uma espécie de afronta social por mostrarem que “também podiam”.

É nesse sentido também, que Fernanda Silva compreende as sociedades negras como



Zilda Flores do Amaral dançando na Sociedade União Familiar em 1948.

Fonte: Acervo particular de Alcione Flores do Amaral.

contraponto, especialmente na medida em que procuram o afastamento e a negação de estereótipos levando a busca por uma identidade positivada, mantendo espaços seus em que não passassem por constrangimentos ao mesmo tempo em que incorporavam comportamentos e

regras presentes também nos clubes sociais brancos mostrando que também podiam.

Configurando aquilo que GILL; LONER (2009) consideram de modo geral, uma “busca, contraditória, mas efetiva, pela inserção e

participação na sociedade brasileira”. (GILL; LONER, 2009, p. 145).



Homens na Sociedade União Familiar.

Fonte: Acervo particular de Alcione Flores do Amaral.



Mulheres na Sociedade União Familiar.
Fonte: Acervo particular de Alcione Flores do Amaral.

Referências Bibliográficas:

ESCOBAR, Giane Vargas. Clubes Sociais Negros: Lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial. Santa Maria: UFSM, 2010.

FLÔRES, João Rodolpho Amaral. Fragmentos da História Ferroviária Brasileira. Santa Maria: Pallotti, 2007.

GILL, Lorena; LONER, Beatriz Ana. Clubes Carnavalescos Negros na Cidade de Pelotas. In: Estudos Ibero-Americanos. Porto Alegre, v.35, n.1, jan./jun, 2009, p.145-161.

GRIGIO, Ênio. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em Santa Maria (1873-1915): uma trajetória de conflitos. Santa Maria: UFSM, 2003.

MARCHIORI, José Newton Cardoso; NOAL FILHO, Valter (Orgs.). Santa Maria: Relatos e impressões de viagens. Santa Maria: Ed. da UFSM, 1997.

SILVA, Fernanda Oliveira da. Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943). Porto Alegre: PUCRS, 2011.

XAVIER, Regina Célia Lima (Org.). História da escravidão e da liberdade no Brasil Meridional: guia bibliográfico. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.